

RASTROS DE RESISTÊNCIA

**HISTÓRIAS DE LUTA
E LIBERDADE
DO POVO NEGRO**

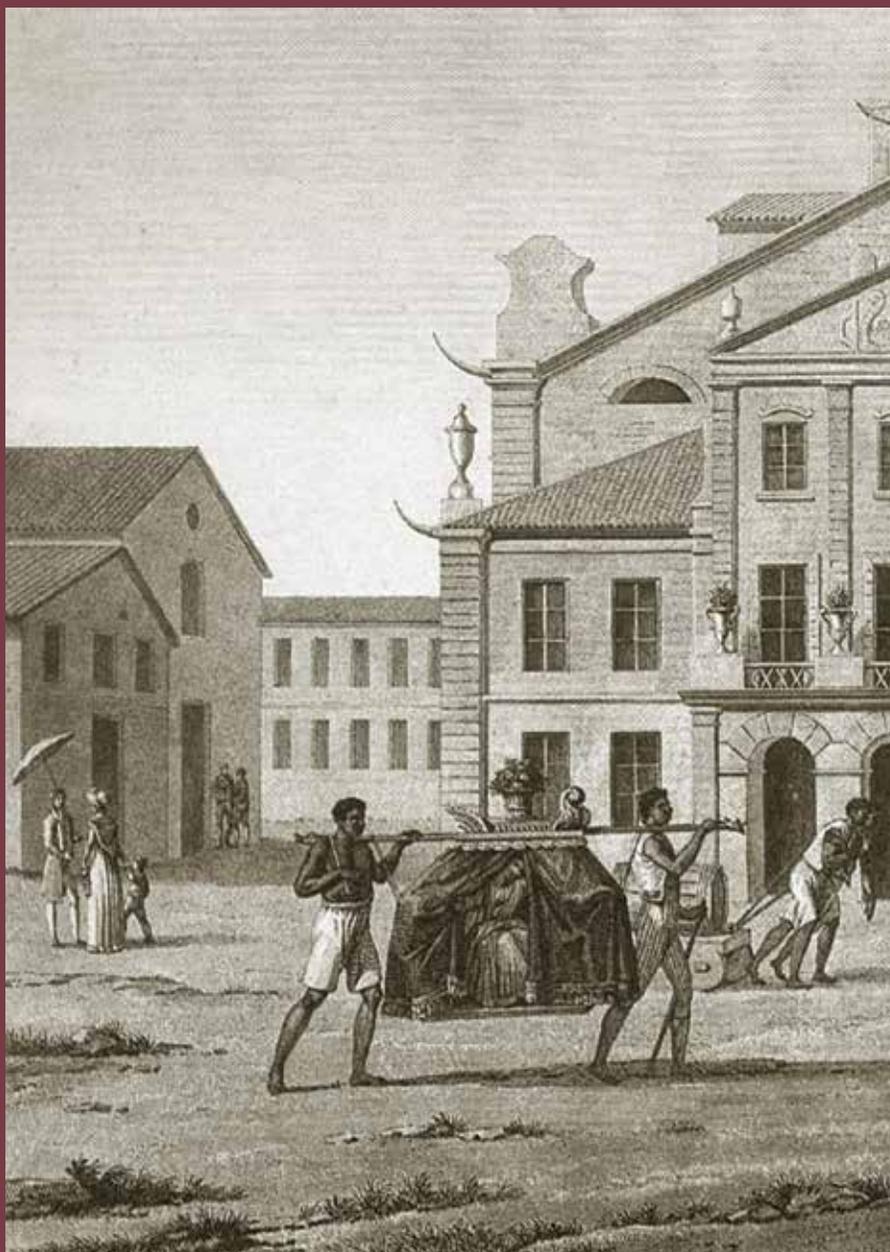
ALE SANTOS



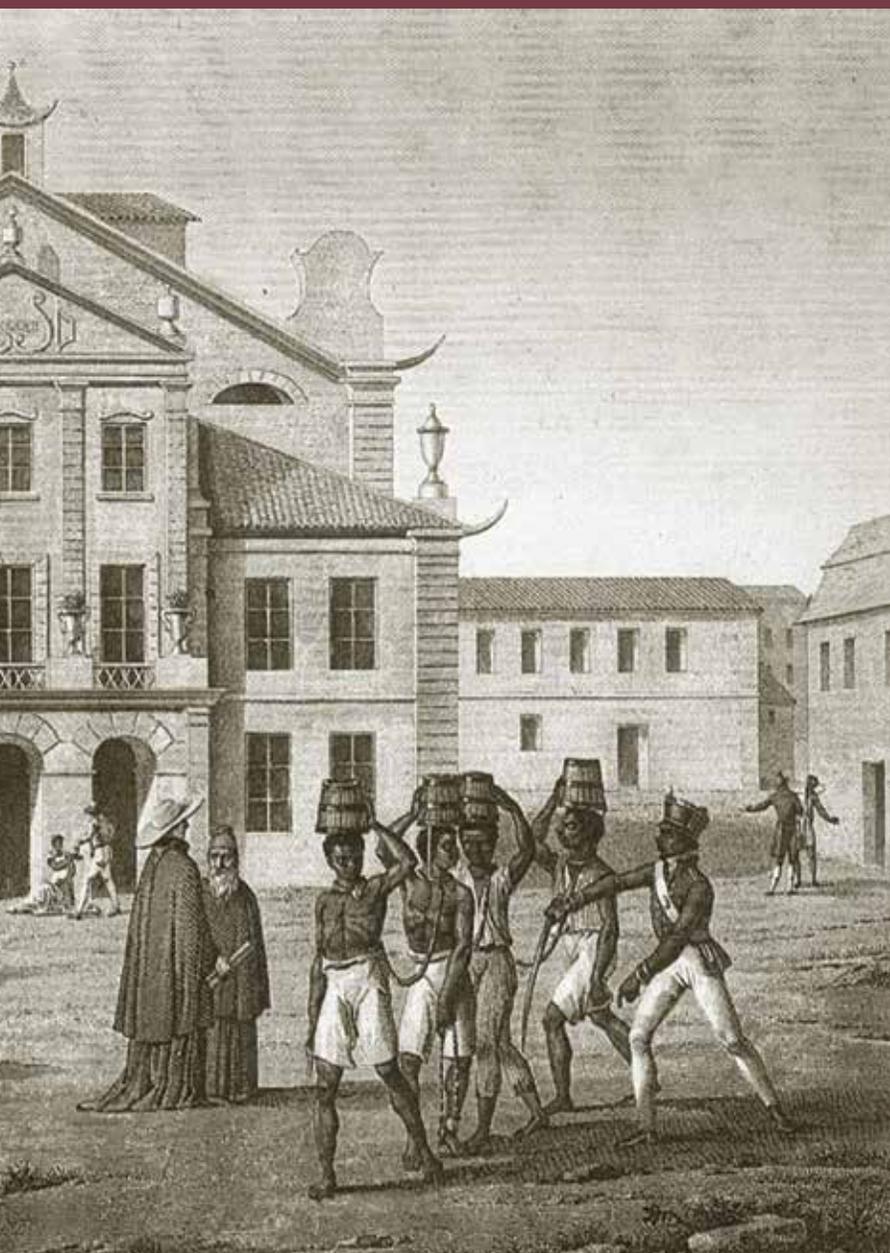


Após a abolição da escravidão em 1888, o controle dos trabalhadores negros livres, como os estivadores que atuavam na região costeira, ainda era uma questão política e social que precisava ser enfrentada.





Retrato da exploração escravagista na Praça do Rocio (atual Praça Tiradentes), no Rio de Janeiro, em 1817.





PRELÚDIO 9

INTRODUÇÃO 17

1 O RACISMO CIENTÍFICO NO BRASIL 35

2 O REINO DE WHYDAH NA COSTA DOS ESCRAVOS 41

3 A ASTÚCIA DO LÍDER QUILOMBOLA BENEDITO MEIA-LÉGUA 49

4 BENKOS BIOHÓ E O QUILOMBO IMBATÍVEL NA COLÔMBIA 53

5 ZACIMBA, A PRINCESA GUERREIRA QUE INVADIA NAVIOS NEGREIROS 57

6 TEREZA DE BENGUELA E O MATRIARCADO NO QUILOMBO DO PIOLHO 63

7 O TRONO DE OURO DO IMPÉRIO AXÂNTI 67

8 A FÚRIA DO ABOLICIONISTA CONHECIDO COMO DRAGÃO DO MAR 71

9 A TRAGÉDIA DE UM PIGMEU ENCARCERADO COMO MACACO 75

10 A REALEZA NEGRA QUE SURTIU DAS MINAS DE OURO PRETO 81

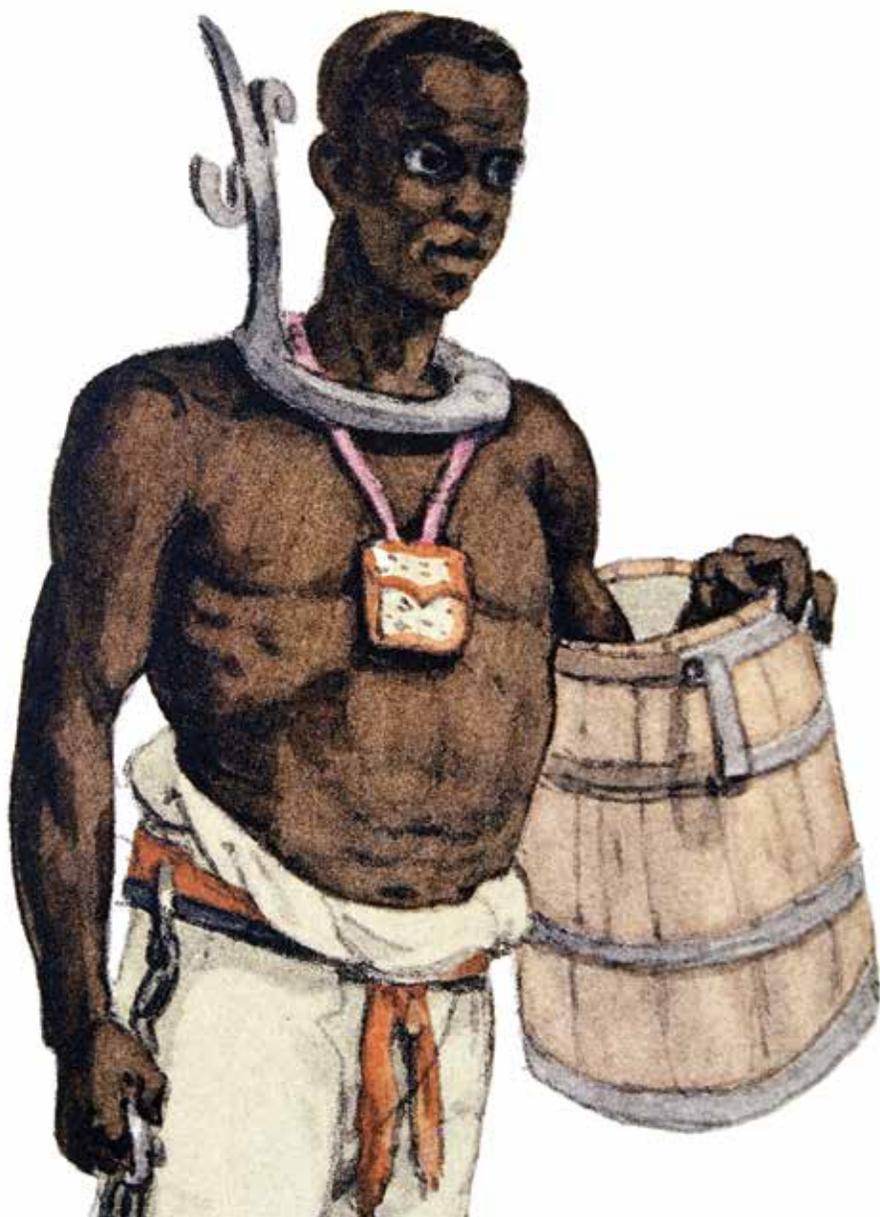




- 11** O GENOCÍDIO PROMOVIDO
PELO REI LEOPOLDO NO CONGO 85
- 12** VÊNUS NEGRA, A HIPER-SEXUALIZAÇÃO
DA MULHER PRETA 89
- 13** ZION, A TERRA PROMETIDA
PARA OS IMPERADORES DA ETIÓPIA,
E BOB MARLEY 93
- 14** A TRAIÇÃO DO EXÉRCITO
RIO-GRANDENSE E A CHACINA
DOS LANCEIROS NEGROS 99
- 15** A ORIGEM DA MANDINGA NO BRASIL 103
- 16** INÁCIO, O ESCRAVO QUE VIROU
UM CANTADOR-REI DO SERTÃO 107
- 17** DEL VALLE, A MÃE DA PÁTRIA
ARGENTINA 111
- 18** A DESOLAÇÃO DO POVO IGBO
EM UM SUICÍDIO NAS ÁGUAS 115
- 19** NANNY, A RAINHA-MÃE DA JAMAICA 119
- 20** A IRA E O LEGADO DE SHAKA ZULU 123
- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** 130
- CRÉDITO DAS IMAGENS** 133
- AGRADECIMENTOS** 134



Obra de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), com destaque para o colar de ferro usado para humilhar o escravo recém-capturado após tentativa de fuga.



A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS PARA OS POVOS AFRICANOS

Existe uma lenda do povo akan sobre uma entidade chamada Kwaku Ananse. Esse povo centenário da África Ocidental a princípio poderia parecer primitivo a olhos despreparados, mas reconhecia o valor das histórias como a maior riqueza da humanidade.

Segundo o mito, o mundo passava por uma era de tristeza, na qual as pessoas viviam entediadas e ninguém encontrava sentido nas coisas. Como percorria toda a Terra por meio de suas teias, Kwaku Ananse percebeu que a humanidade precisava de histórias para contar. Mas quem guardava todas essas histórias era Nyame, o deus dos céus.

Acreditando que a aranha nunca seria capaz de pagá-lo, Nyame cobrou um alto preço pelas histórias. E aqui há variações do mito. A maioria delas fala que Nyame pediu que Ananse lhe levasse Osebo, o leopardo de dentes terríveis; Mmboro, os marimbondos que picavam como fogo; e Moatia, a fada que nenhum homem havia visto. Há versões ainda que incluem Onini, o píton que engole homens com um único bote.



Mulheres e adolescentes trazidos da África para o Brasil por uma das faces mais cruéis de exploração do povo negro: o tráfico negreiro.

Após uma jornada cheia de artimanhas, Ananse conseguiu dissimular as criaturas para capturá-las e entregá-las a Nyame, resgatando as histórias e devolvendo a felicidade ao mundo. Essa figura mítica aparece interagindo com várias divindades africanas em contos populares da tradição oral, que se consolidou como uma parte essencial da cultura de vários povos africanos durante sua escravização. No Caribe, por exemplo, Ananse é frequentemente celebrada como um símbolo de resistência e sobrevivência, pois dava aos escravos a esperança de que poderiam contornar seu sofrimento com a ajuda de seu intelecto, elaborando fugas e estratégias de combate.

HISTÓRIAS APAGADAS

Durante os séculos de escravidão, os negros só tinham as histórias dos tempos da liberdade de seu povo para sustentar a fé na vida, a crença nos deuses e a cultura, que a todo custo tentavam apagar. Por exemplo, havia uma crença entre alguns povos africanos de que para esquecer algum fato de sua vida, você poderia dar voltas em torno de um baobá. **Assim, antes de embarcar nos navios negreiros, os escravagistas obrigavam os escravos a fazer o ritual em torno dessa árvore do esquecimento para deixarem suas vidas, histórias e cultura para trás e então serem rebatizados com nomes cristãos.**

Os escravagistas, contudo, não contavam que a relação dos negros com suas histórias era muito mais enraizada do que poderiam supor. Vários povos desenvolveram um sistema de escrita e construíram bibliotecas nas quais mantinham seu conhecimento sobre o mundo. Mas para a maioria dos povos africanos, seus homens e mulheres eram a própria biblioteca, e o conhecimento era transmitido por meio da oralidade. A sociedade africana como um todo era um livro vivo, imaginado coletivamente e escrito na existência de cada um através do escutar e do contar.

Na África Ocidental, haviam os *griots* (ou *djéli*, na ortografia francesa), guardiões das tradições orais. Eles tinham uma posição de destaque e por vezes também exerciam outras funções, como as de mensageiros, arautos, conselheiros de guerra, artífices. O mais importante: eram registros vivos dos principais acontecimentos de seu povo. Todo suserano deveria estar acompanhado de um, os casamentos deviam ser celebrados por eles e, quando havia uma guerra, os *griots* não podiam ser tocados para que pudessem perpetuar a história dos vencedores.

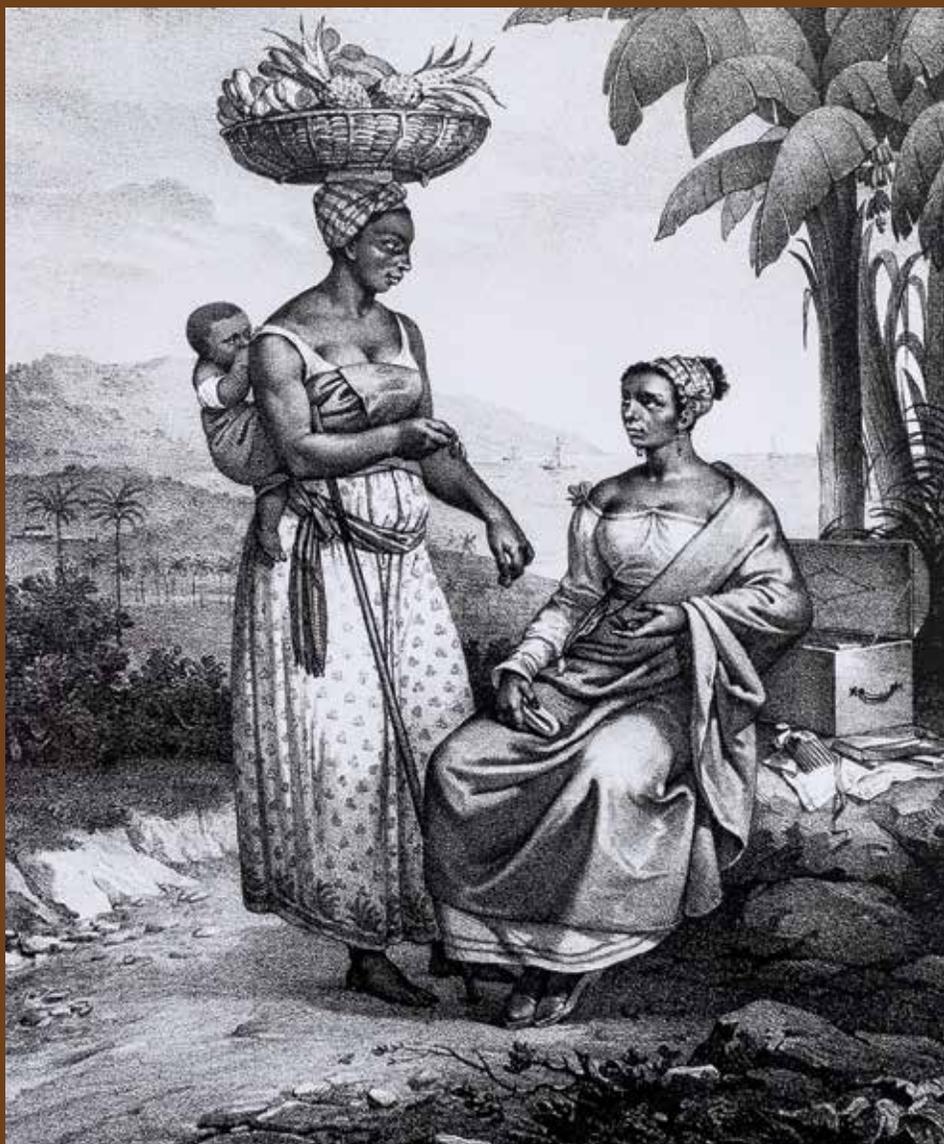
Por formarem uma casta social, suas funções e tradições eram transmitidas de forma hereditária, sendo treinados desde pequenos por sua família. Ao longo da vida, ainda podiam escolher se viriam a ser músicos, poetas, escultores, um *griot* que registra memórias ou que celebra festas. O mais famoso *griot* foi Balla Fasséké,

oferecido como conselheiro a Sundiata Keita, na fundação do Império do Mali.

Já na África Subsaariana, onde os povos também transmitiam seu conhecimento de forma oral, a preservação das tradições acontecia com o som, o tom e a performance da fala, como se cada frase dessa cultura fizesse parte de um ritual de conhecimento. Esse hábito se perpetuou em grande parte porque muitos não sabiam escrever. A escrita era um conhecimento restrito às comunidades que estavam desenvolvendo novos sistemas religiosos e, nelas, geralmente apenas os sacerdotes a utilizavam. Assim, mesmo com o desenvolvimento da escrita, a palavra falada era de extrema importância.

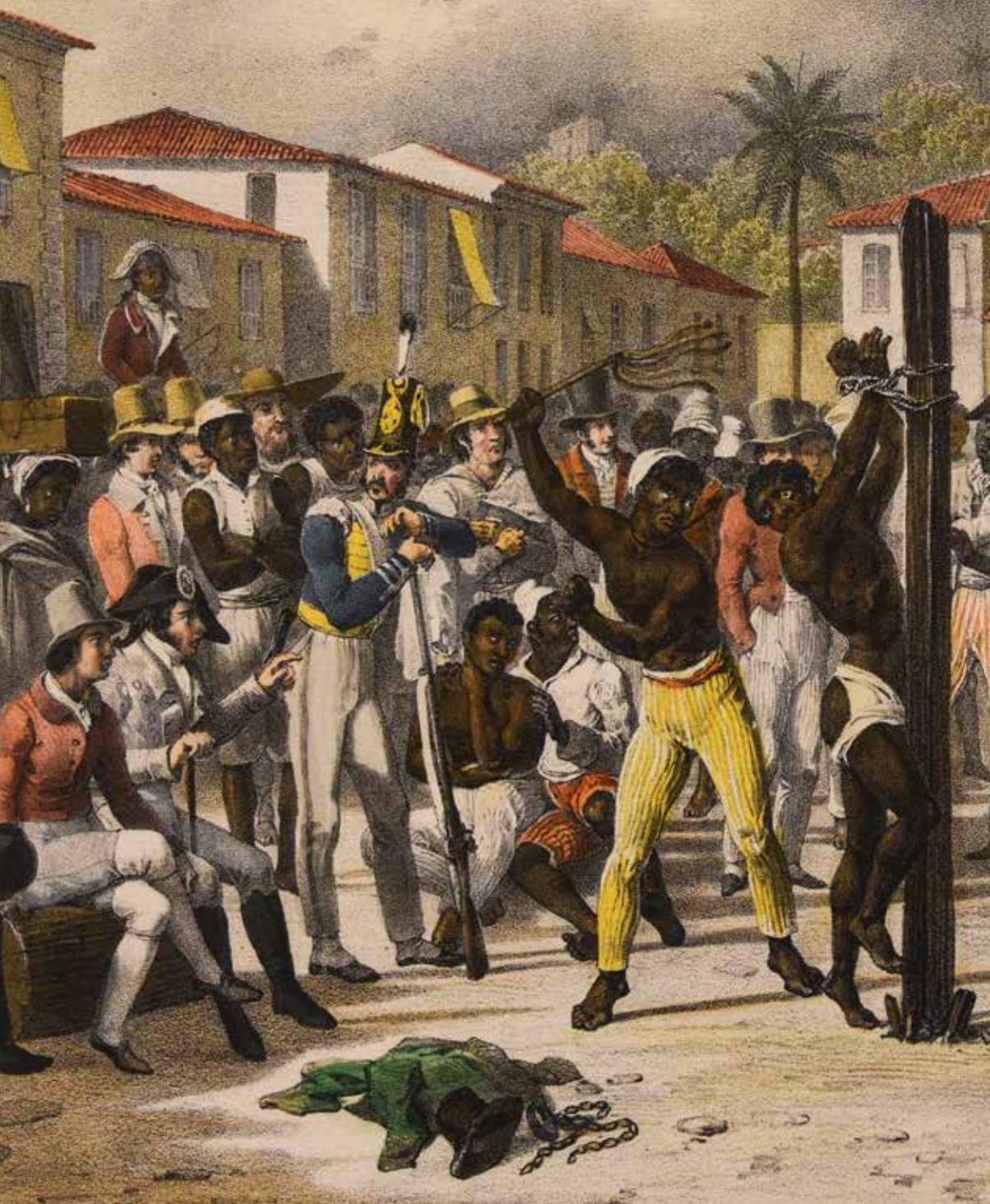
Isso não significa, contudo, que as tradições faladas eram menos poderosas. Pelo contrário: as características desses discursos africanos impactam até hoje uma parcela importante da cultura global, sendo a base desde sermões religiosos a produções musicais ou teatrais pelo mundo.

Os mitos de povos como os iorubá, axânti, mali, banto, núbio, zulu e tantos outros foram se diluindo na nossa sociedade de tal forma que hoje chega a ser difícil identificar a origem africana de muitas de nossas tradições e palavras. Porém, os negros se tornaram bastiões da cultura de seu povo e utilizaram seu conhecimento ancestral para promover, por onde se instalaram, novas culturas a partir de suas lendas originais. **As histórias não são apenas um pedaço de cada povo antigo: são pedras fundamentais para reconstruir novos impérios culturais africanos pelo mundo.**

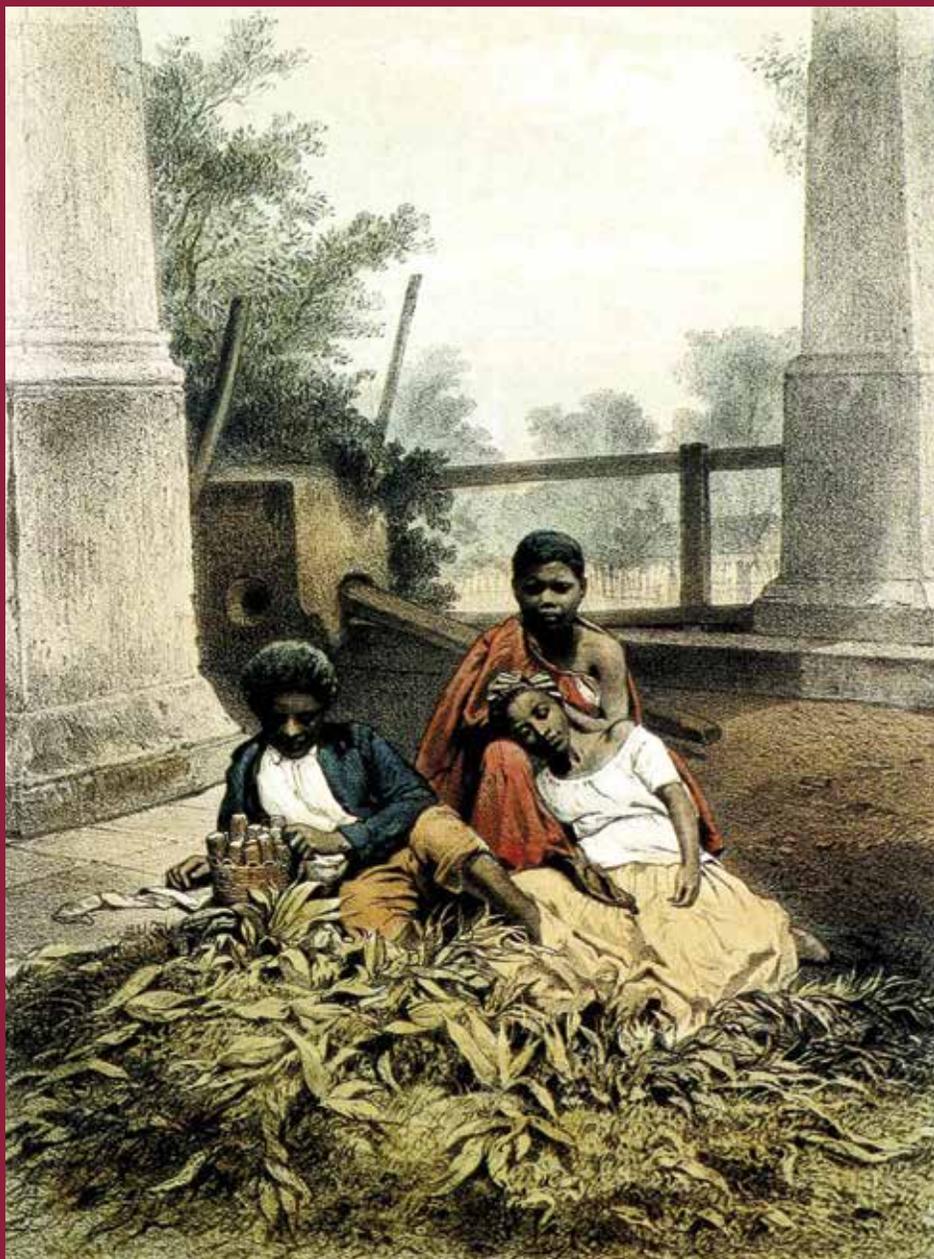


Litografia de Johann Moritz Rugendas (1802-58). Historiadores do passado descreviam que quilombolas “raptavam” mulheres negras para os mocambos.

Punição pública adotada durante o período de escravidão no Brasil.







Ao longo da história, homens e mulheres negros eram vistos como mercadoria e não recebiam os mesmos benefícios sociais de outras etnias que imigraram para o Brasil.

O NASCIMENTO DO RACISMO NO IMAGINÁRIO POPULAR

Você já ouviu falar sobre realidades imaginadas? O autor de *Sapiens*, Yuval Harari, fala bastante sobre esse conceito em sua obra: “uma realidade imaginada é algo em que todo mundo acredita e, enquanto essa crença partilhada persiste, a realidade imaginada exerce influência no mundo”.

Isso reflete muito sobre a origem do racismo em nossa história. Para que a escravidão desse certo e tivesse aceitação, ela precisava ter um respaldo moral, uma justificativa para que aqueles que usufruíam dos escravos pudessem fazê-lo de consciência tranquila. E para minimizar o estrago causado pela exploração, os escravagistas construíram uma realidade imaginada ao “coisificar” homens e mulheres negros, como diria Martin Luther King, um dos maiores líderes na luta pelos direitos civis dos negros: “[o negro] não era visto com o mesmo status e valor que outros seres humanos”.

Rebaixar as pessoas já havia sido uma prática durante a Inquisição Espanhola (1478-1834), quando judeus e mouros (povos

islâmicos oriundos do Norte da África) foram fortemente perseguidos por cristãos. Leis rígidas foram criadas para impedir vários de seus direitos sociais, como o casamento, o comércio, posses, dentre outros. A ideia era diminuir a sua influência na sociedade usando a falta de pureza no sangue como desculpa. Quando Portugal assimilou esse conceito, impôs o mesmo aos índios no Brasil. Na prática, isso significava que os povos que não fossem cristãos, brancos e europeus eram vistos como menores e não podiam ter os mesmos direitos que os outros. **Hoje sabemos que pureza sanguínea é um mito, uma história inescrupulosa contada por aqueles que temiam perder suas posições de privilégio na sociedade para grupos diferentes dos seus.**

Quando a colonização trouxe os vários povos africanos, o mito da pureza de sangue precisava ganhar uma nova forma para que as pessoas pudessem compreender aqueles homens e mulheres de pele escura e traços diferentes dos que estavam habituados. Nesse período, os cristãos passaram a buscar no livro máximo de sua fé, a Bíblia, explicações para essas diferenças.

Na época, circulavam duas teorias para a origem da espécie humana: o poligenismo e o monogenismo. O poligenismo dizia que as raças humanas tinham origens múltiplas. Já no monogenismo, todos os homens teriam derivado da mesma espécie. Entre as duas, a teoria mais difundida era o monogenismo, e os cristãos interpretavam que Adão e Eva seriam essa origem única. Entretanto, somente os europeus brancos seriam descendentes do casal.

Essa teoria, contudo, era um grande paradoxo, afinal, as origens de Jesus não seriam europeias. Uma de suas mais antigas representações na arte está guardada no Museu Copta, no Cairo, Egito, e traz Jesus e seus discípulos com pele retinta. A religião ainda concluiu que os negros representavam uma forma de degeneração da imagem de Deus e, portanto, deveriam ser colocados em posições inferiores como forma de martírio para limpar sua alma – e com isso também impediam a miscigenação, para produzir descendentes cada vez mais claros.

A religião foi, sem dúvida, um dos maiores motores do mito da superioridade racial. E mesmo antes das colonizações, os africanos não eram lembrados ou levados em consideração no cristianismo



O racismo foi construído por um conjunto de ideologias que misturavam ciência, política e religião para desumanizar negros e seus descendentes.

A escravidão era mantida sobre vários pretextos que defendiam o desenvolvimento econômico do país e uma falsa ordem social que teoricamente mantinha negros e brancos em harmonia – mesmo que os pretos sempre estivessem em posição de subordinação.

